

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
Coordenadoria Geral de Pesquisa – CGP

Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bloco 06 – Bairro Ininga
Cep: 64049-550 – Teresina-PI – Brasil – Fone (86) 215-5564 – Fone/Fax (86) 215-5560
E-mail: pesquisa@ufpi.br; pesquisa@ufpi.edu.br

**PRODUÇÃO EXTRATIVISTA FAMILIAR/CAMPONESA DO TERRITÓRIO
CULTURAL E AMBIENTAL DA PUBA/PI**

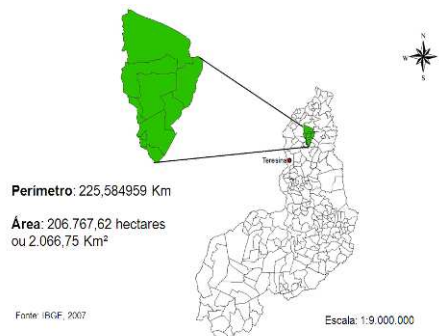
*Nathália Maria de Sousa Soares (bolsista da Iniciação Científica Voluntária – ICV/UFPI),
Raimundo Wilson Pereira dos Santos (Orientador, Depto. de Geografia e História – UFPI)*

A construção social de um território e a definição de sua identidade cultural é determinada pela construção coletiva dos atores locais e, ambas regulam suas atividades. Território cultural e campesinato estão interligados através dos modos de vida local e da cultura particular, que se refere a uma tradição, entre outras, às regras de parentesco (WANDERLEY, 1997).

O conceito de território é desenvolvido por diversos autores, nas diferentes concepções e aspectos, objetivando explicar a dinâmica de um espaço que está sempre em construção. Segundo a concepção de Raffestin (1993), o conceito de espaço geográfico é pré-existente ao território, ou seja, o território se forma a partir do espaço, sendo considerado como o espaço físico onde se localiza uma nação. Por sua vez, Haesbaert (1995), em suas pesquisas, reconhece processos de dominação e apropriação na construção do território, onde ocorre um domínio social, econômico, político e cultural do espaço. Para Saquet (2004) o território é fruto de relações produtivas, de articulações, integrações verticais e horizontais, flexibilidade, desagregação e concentração de espaços produtivos.

O território pesquisado está localizado na Mesorregião do Centro-Norte Piauiense (Fig. 01), inserido nos “Territórios de Desenvolvimento dos Carnaubais e Cocais”, abrangendo áreas dos municípios de Boa Hora, Boqueirão do Piauí, Nossa Senhora de Nazaré, Barras, Cabeceiras do Piauí, Piripiri, Batalha e Capitão de Campos (PLANAP, 2006). A análise foi concentrada nos municípios de Boa Hora, por representar uma amostragem significativa do território nos aspectos ambientais e culturais.

FIGURA 01: Território Cultural e ambiental da Puba/PI



Fonte: SANTOS, 2010

O estudo investigou o território cultural e ambiental da Puba/PI, na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável no âmbito da produção extrativa realizada pelos agricultores camponeses. O presente trabalho baseou-se no primeiro momento em levantamento bibliográfico referente ao objeto de estudo a ser investigado, tais como obras sobre o extrativismo e que tratam do desenvolvimento histórico do extrativismo no Brasil, Nordeste e Piauí.

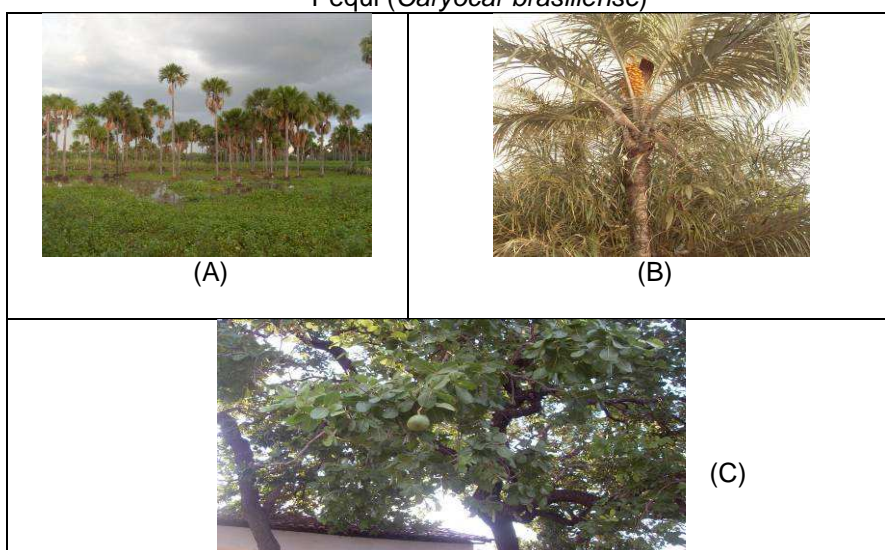
Concomitante aos procedimentos de investigação bibliográfica foi realizada visitas na área da pesquisa para delimitação do território e definição das comunidades a serem estudadas, assim como primeiros levantamentos sobre a produção extrativa. Para o levantamento dos dados da pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, direcionadas aos agricultores camponeses moradores de comunidades no território rural da Puba/PI. Aplicaram-se vinte (20) formulários que contemplou tanto a sede do município de Boa Hora/PI, como comunidades rurais, tais como: Buriti do Ovo, Caraíbas, Mato Seco I e II, Planalto, São Raimundo, São João e Pantanal.

Conforme aponta Pires & Scardua (1998), a atividade extrativa dos agricultores familiares em busca de qualidade de vida, segurança alimentar e geração de renda, assume normalmente um caráter complementar. Daí a tendência de se usar o termo “agroextrativista”, indicando que os extrativistas também são agricultores.

Sendo a atividade extrativista vegetal de grande importância para subsistência e complementação de renda dos agricultores/camponeses no território cultural e ambiental da Puba/PI, os principais produtos extraídos no território, destacam-se: Carnaúba, Babaçu, Pequi, Buriti e Tucum.

Os dados obtidos sobre o “Extrativismo na Puba/PI” apontam que dentre os produtos extrativos do território rural (Fig. 02) que são coletados pelas famílias destacam-se principalmente, em ordem decrescente, o Buriti (*Mauritia flexuosa*), o Tucum (*Astrocaryum vulgare*) e o Pequi (*Caryocar brasiliense*). Das famílias entrevistadas durante a pesquisa 50% coletam esses produtos extrativos tanto para consumo como para venda.

FIGURA 02: Frutos Nativos. A: Buriti (*Mauritia flexuosa*); Fig. B: Tucum (*Astrocaryum vulgare*); Fig. C: Pequi (*Caryocar brasiliense*)



Fonte: SANTOS, 2011.

Quanto à comercialização dos produtos derivados do buriti, 70% dos casos ocorrem na própria comunidade, com venda para comprador certo ou indefinido ou ainda atravessador, ocorrendo

também venda para outros municípios em feiras (30%) numa menor quantidade, como por exemplo, a feira do município de Campo Maior.

Sobre “Trabalhos Artesanais”, apenas algumas famílias lidam com essa atividade, geralmente envolvendo todos os membros da família. De acordo, a técnica artesanal em alguns casos foi passada pelas gerações anteriores e continua atualmente com filhos e netos; em outros casos através de oficinas mantidas por convênios com órgãos empreendedores como o SEBRAE-PI que capacita com cursos de formação e/ou aperfeiçoamento destinado aos moradores das comunidades para trabalhar com artesanato.

No Piauí, o extrativismo vegetal está relacionado ao processo de ocupação do território piauiense com a importância que essa atividade teve na primeira metade do século XX, ainda associada à agricultura de subsistência. A economia piauiense teve sua dinâmica associada à exportação de produtos extrativos, representados pela borracha da maniçoba, babaçu e carnaúba (QUEIROZ, 1993).

Observou-se durante a pesquisa que os produtos extrativos do território cultural e ambiental da Puba/PI com suas diferentes potencialidades de uso, são explorados pelos pequenos agricultores camponeses, não ocorrendo incentivo por parte dos órgãos públicos com vista ao apoio à produção, sendo pouco utilizado para comercialização em feiras locais ou municípios próximos. As práticas tradicionais do extrativismo, sistema de transporte deficiente e o desinteresse do homem do campo, devido à pequena produção e baixo valor de comercialização, tornam a produção estagnada e com baixo crescimento.

Por fim, em virtude do estudo, entende-se que o Território Ambiental e Cultural da Puba/PI necessita de políticas públicas com o objetivo de fomentar essa atividade, de forma a agregar valor aos produtos extrativos produzidos no território, utilizando-os de maneira racional com o propósito de promover o desenvolvimento local e a sustentabilidade ambiental.

Palavras-chave: Território. Produção camponesa. Extrativismo.

REFERÊNCIAS

- HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização:** entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Et. Al. (Orgs.). Geografia: Conceitos e Temas. RJ: Bertrand Brasil, 1995. p. 165-206.
- PIRES, Mauro O.; SCARDUA, Fernando S. **Extrativismo vegetal não madeireiro no cerrado – Versão 3.0.** Brasília: ISPN – Instituto Sociedade, População e Natureza. 46p., 1998.
- Plano de Ação para o Desenvolvimento Integrado da Bacia do Parnaíba, **PLANAP: síntese executiva: Território dos Carnaubais e Cocais** / Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – CODEVASF. – Brasília, DF: TDA Desenhos & Arte Ltda., 2006.
- QUEIROZ, Teresinha. **Economia Piauiense:** da pecuária ao extrativismo – Teresina: ApeCH/UFPI, 1993, 44 p.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia de poder.** Tradução de Maria Cecilia França. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, R.W.P. dos. 3 fotos color. 10x15cm. 2011.
- SAQUET, M. A. **Território e Desenvolvimento:** diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioste, 2004.
- WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro.** In: TAVARES, E. D.; MOTA, D. M.; IVO, W. M. P. M. (Eds.). Encontro de pesquisa sobre a questão agrária nos tabuleiros costeiros de Sergipe, 2, 1997, Aracaju-SE. Agricultura familiar em debate – Anais... Aracaju: Embrapa-CPATC, 1997, p.9-40.